

Maternar: instinto materno? Não, trabalho feminino¹*Maternidad: ¿instinto maternal? No, el trabajo de las mujeres**Mothering: maternal instinct? No, women's work***Alice do Socorro Louzada Moraes**

Resumo: A pesquisa tratou sobre o maternar como trabalho. Partindo deste pensamento, levantamos duas hipóteses para pensar esta reflexão, a saber: a) o maternar por ser atividade biológica exclusiva feminina é considerado instinto, e não, trabalho e, portanto, torna-se “natural” a iniquidade de gênero perpetuada historicamente na sociedade; b) a não legitimação do maternar como atividade laboral na divisão sexual do trabalho dificulta o acesso e permanência de mulheres nas diferentes esferas sociais. A partir destas duas hipóteses formulamos o objetivo deste artigo que consiste em analisar o maternar sob a perspectiva das regras patriarcais indo contra a lógica do instinto. Sob a ótica da metodologia feminista, trata-se de uma pesquisa qualitativa, partindo de um estudo de caso que analisou o modelo tradicional que mulheres têm do sentido de maternar. Para o levantamento de dados, entrevistamos dez mulheres, sendo cinco mães e cinco não mães, todas pertencentes à classe trabalhadora. Teoricamente, para levantar o debate de gênero utilizo a crítica feminista, por meio de autoras como Badinter (1985), Bruschini (2006), Piscitelli (2001), Davis (2016), Biroli (2016, 2018), Graf (2012) entre outras pesquisadoras feministas que se relacionam com a temática deste estudo. Concluiu-se que o maternar enquanto trabalho não é reconhecido pelas regras patriarcais, mas enraizado como instinto natural, visto que são as mães quem parem os bebês, isentando socialmente os pais da função do cuidado no maternar.

Palavras Chave: Maternar. Instinto. Trabalho.

Resumen: La investigación abordó la maternidad como trabajo. A partir de este pensamiento, planteamos dos hipótesis para pensar esta reflexión, a saber: a) la maternidad, como actividad biológica exclusiva femenina, es considerada instinto y no trabajo y, por lo tanto, se vuelve "natural" a la desigualdad de género perpetuada históricamente en la sociedad; b) la no legitimación de la maternidad como actividad laboral en la división sexual del trabajo dificulta el acceso y la permanencia de las mujeres en las diferentes esferas sociales. A partir de estas dos hipótesis formulamos el objetivo de este artículo, que consiste en analizar la maternidad desde la perspectiva de las reglas patriarcales que van en contra de la lógica del instinto. Desde el punto de vista de la metodología feminista, se trata de una investigación cualitativa, basada en un estudio de caso que analizó el modelo tradicional que las mujeres tienen del significado de la maternidad. Para el estudio de los datos, entrevistamos a diez mujeres, cinco madres y cinco no madres, todas pertenecientes a la clase trabajadora. Teóricamente, para plantear el debate de género recurro a la crítica feminista, a través de autoras como Badinter (1985), Bruschini (2006), Piscitelli (2001), Davis (2016), Biroli (2016, 2018), Graf (2012) entre otras investigadoras feministas que se relacionan con la temática de este estudio. Se llegó a la conclusión de que la maternidad como trabajo no está reconocida por las normas patriarcales, sino que está arraigada como un instinto natural, ya que son las madres las que traen al mundo a los bebés, lo que exime socialmente a los padres de la función de cuidado en la maternidad.

Palabras Claves: Maternidad. Instinto. Trabajo.

Abstract: The research dealt with mothering as work. Based on this thought, we raise two hypotheses to think about this reflection, namely: a) mothering, as an exclusive female biological activity, is considered instinct and not work and, therefore, it becomes "natural" to the gender inequality perpetuated historically in society; b) the non-legitimatization of mothering as a work activity in the sexual division of labor hinders the access and permanence of women in the different social spheres. From these two hypotheses we formulated the objective of this article, which consists in analyzing maternity from the perspective of patriarchal rules, going against the logic of instinct. From the point of view of feminist methodology, this is a qualitative research, based on a case study that analyzed the traditional model that women have of the meaning of maternity. For the data survey, we interviewed ten women, five mothers and five non-mothers, all belonging to the working class. Theoretically, to raise the gender debate I use feminist critique, through authors such as Badinter (1985), Bruschini (2006), Piscitelli (2001), Davis (2016), Biroli (2016, 2018), Graf (2012) among other feminist researchers who relate to the theme of this study. It was concluded that mothering as work is not recognized by patriarchal rules, but rooted as a natural instinct, since mothers are the ones who deliver babies, socially exempting fathers from the role of care in mothering.

Keywords: Mothering. Instinct. Labor.

¹ Este artigo é resultado do Curso de Especialização em Análise das Teorias de Gênero e Feminismos na América Latina/GEPEM/UFPA, sob orientação da Profa. Dra. Maria Luzia M. Álvares. Agradeço às/aos pareceristas no processo de apresentação final do artigo.

INTRODUÇÃO

Este estudo é resultado do curso de especialização em Análise das Teorias de Gênero e Feminismos na América Latina da Universidade Federal do Pará (UFPA). A partir da metodologia e crítica feministas, tratou-se nesta análise, do materno sob a perspectiva das regras patriarcais e indo contra a lógica do instinto materno. Partindo desta reflexão levantamos duas hipóteses, a saber: a) o materno por ser atividade biológica exclusiva feminina², sob a perspectiva das regras patriarcais, é considerado instinto, e não, trabalho, tornando -se “natural” a iniquidade de gênero perpetuada historicamente na sociedade; b) a não legitimação do materno como atividade laboral na divisão sexual do trabalho dificulta o acesso e permanência de mulheres nas diferentes esferas sociais.

Ao nos reportarmos à história, entendemos a condição da mulher na sociedade. Badinter (1985), aponta que o poder paterno historicamente sempre acompanhou a autoridade marital. O que nos faz acreditar nesta afirmação é o que os historiadores apontam desde sua origem, na Índia, onde a família era considerada um grupo religioso em que o pai é o chefe. Assim, esta influência também se estenderia por toda a Antiguidade ao longo da história, onde os poderes da figura paterna permaneceram inalterados, porém, “atenuados na sociedade grega e acentuados entre os romanos. Cidadã de Atenas ou de Roma, a mulher tinha durante toda a sua vida, uma condição jurídica de menor, pouco diferente da condição de seus filhos” (BADINTER, 1985, p. 29).

De acordo com a autora, foi o cristianismo que modificou, pelo menos em teoria, essa relação. Com o princípio do amor revolucionário, Jesus proclamou que a autoridade paterna não se constituía a veemência do pai, mas a do filho, e que a esposa – mãe seria sua companheira e não a sua escrava. Assim,

Ao pregar o amor ao próximo, o Cristo punha um freio à autoridade, de onde quer que viesse. Reforçava o companheirismo, e, portanto, a igualdade dos esposos, fazendo do casamento uma instituição divina. Assim, punha fim a um poder exorbitante do marido, o poder de repúdio, e à poligamia. A mensagem de Cristo era clara: marido e mulher eram iguais e partilhavam dos mesmos direitos e deveres em relação aos filhos. (BADINTER, 1985, p. 30)

No entanto, historicamente, a palavra de Cristo foi obscurecida pelas interpretações de alguns teólogos e apóstolos, chegando, como afirma Badinter, “a traí-la, a palavra de Cristo modificou, em boa parte, a condição da mulher” (BADINTER, 1985, p. 30). Então, foi reduzindo, a partir do século XIII, a igualdade aclamada pela Igreja na França, num certo número de direitos outorgados às mulheres. “Pelo menos, às das classes superiores” (BADINTER, 1985, p. 30). Portanto, vemos o poder paterno ora atenuado, ora acentuado. Mas sempre justificado pelas instituições que se inserem cada vez mais no governo da família.

Dessa forma, a filosofia política de Aristóteles, justifica a autoridade do marido e do pai, afirmando que “a autoridade do homem é legítima porque repousa sobre a desigualdade natural que existe entre os seres humanos” (BADINTER, 1985, p. 21). Assim, a noção do marido-pai-senhor que comanda, é refletida nas suas responsabilidades políticas, econômicas e jurídicas. Isto é reforçado mais tarde pela teologia cristã que compara o homem a imagem e semelhança de Deus e coloca

² Ressaltamos que não aprofundamos, neste estudo, leituras sobre o materno não exclusivo de mulheres, visto que, o faremos em estudos posteriores, dialogando com pesquisas locais sobre o tema, sobretudo na Antropologia.

a mulher num segundo plano, de forma negativa – na figura de Eva -, vide Gênesis³ na Bíblia. Dessa forma, vemos por meio da Filosofia, da Teologia Cristã e conseqüentemente do Absolutismo político, se instaurar a ordem social que impõe o poder paterno.

Em consequência disso, atualmente em nossa sociedade temos um conjunto de normas femininas que foram instauradas ao longo da história, por meio de três importantes instituições sociais – família, religião e escola –, que também se constroem sob regras patriarcais, fundamentadas nas relações sociais em detrimento da mulher e sua maternidade.

É neste contexto que o Estado interfere significativamente no governo doméstico fortalecendo os direitos do pai, do ponto de vista jurídico, quando considera conveniente aos seus próprios interesses. E à mulher é direcionado o papel de esposa e mãe, como quem cuida da família.

Portanto, para nossa análise entrevistamos 10 mulheres, proporcionando um estudo de caso, realizado por meio de entrevista. Estabelecemos, como nossas entrevistadas - que chamamos de *parceiras da pesquisa* – mulheres que exercem a maternidade com filhos biológicos e mulheres que nunca pariram, mas possuem alguma vivência do materno de outras mulheres. Todas as entrevistadas são da classe trabalhadora. Mulheres com e sem trabalho remunerado.

A faixa etária das parceiras da nossa pesquisa varia entre 22 e 50 anos de idade, sendo todas cametaenses (do Município de Cameté – PA) e possuem perfis de identidade múltiplos. Aprofundamos nossa metodologia de pesquisa, à diante.

Por fim, nomeamos ficticiamente cada uma das entrevistadas, respectivamente, por: Ana; Bea; Carol; Dai; Eli, Fabi; Gio; Hila; Ilda, Jane.

1. O Sentido do Maternar na Antiguidade

Estudos sobre maternidade, ao longo da história, nos mostram que ela foi rejeitada pelas mulheres, pois não eram objeto de nenhuma atenção e de nenhuma valorização da sociedade, além do que, após seu nascimento, os bebês tornavam-se um estorvo para o homem-marido e a mãe-esposa. Essa ideia era reforçada, inclusive, pela medicina. Ideias falsas eram difundidas por profissionais da medicina (todos homens) já que, com a maternidade “o pai se vê reduzido a um longo período de continência sem prazer. Como, por outro lado, ao desafiar o tabu descobria-se que a mulher era menos fértil durante o aleitamento, o pai via-se ante uma alternativa desagradável”(BADINTER, 1985, p. 96). Desta forma, as mulheres também se recusavam ao aleitamento materno, justificando que corriam riscos de saúde ou perderiam a beleza, pois o aleitamento era considerado “sujeira”. Um veneno que enfraqueceria o amor entre esposa e marido.

Assim, a sociedade declara a amamentação ridícula e repugnante, eximindo as mulheres de amamentar, principalmente para as mulheres nobres que não hesitavam em ter uma mãe de leite para atender as necessidades dos filhos, sem que elas mesmas o fizessem.

De tal modo, as convenções sociais que se formavam em torno da mulher – mãe, que ditavam como elas deviam maternar, não direcionavam para o amor, pelo contrário, filhos eram criados por longos anos pelas mães de leite e o que se via era o compromisso social que as mulheres (nobres) tinham em dar filhos aos seus maridos. Por isso, era natural que mulheres que parissem não amamentassem suas crias, pois nesse contexto, não ficava “bem” tirar o seio a cada instante para alimentar o bebê ou, a atitude não era nobre pra uma dama.

³ Cap. 02 e 03.

A questão estética era muito valorizada, pois, uma mulher que tira o peito em público para alimentar o próprio filho que precisa ser alimentado a qualquer momento, projetava uma imagem animalizada desta mulher, além de considerar um atentado ao pudor. Esses sentimentos e atitudes calcados em conceitos culturais e religiosos ainda pesam sobre mães que amamentam em livre demanda e precisam fazê-lo em público. Se antigamente mulheres precisavam se esconder para não amamentar em público, hoje graças ao Projeto de Lei 1654/19, foi determinado que o aleitamento materno é direito das mães e das crianças, devendo ser exercido livremente em espaços públicos e privados de uso coletivo, não tolerando qualquer tipo de constrangimento, repressão ou restrição ao seu exercício. No entanto, ainda assim, não estamos isentas de olhares direcionados a nós quando exercemos este direito que deveria ser completamente natural.

Dessa maneira, na antiguidade, graças a essa questão estética difundida pelo patriarcado, bebês eram entregues à uma mãe de leite até o desmame e mães não eram obrigadas a amar os filhos como são na sociedade atual.

Nesse contexto, independentemente da idade, as crianças eram rejeitadas, pois atrapalhavam objetivamente a vida dessas mulheres. Era natural que isso acontecesse, já que a criança era um empecilho para a mãe, não apenas do ponto de vista conjugal, bem como, nos prazeres e na vida mundana. Com isso, inferimos que se ocupar de um bebê não era nem divertido, nem elegante. Levando isso em consideração, a mulher tinha a possibilidade de buscar por emancipação.

No entanto, compreendemos que para se definir como autônoma, a mulher deveria se desprender de obrigações que tornassem sua vida estagnada. E, com a vontade de buscar por emancipação, vinha também, a de busca por poder. A sociedade tratou de elaborar, de forma mais acentuada, regras patriarcais que não puderam, de certo modo, impedir a tentativa de emancipação, mas jamais poderiam permitir à mulher o poder.

Assim, era de interesse social que ela fosse reconduzida ao seu papel: o de mãe, lugar que ela jamais deveria ter abandonado. Além de ser essencial a recuperação também da esposa leal e subjugada. Então era necessário banir o comportamento de rejeição da maternidade pelas mulheres.

Levando em consideração que o maternar, mesmo sendo função feminina principal, não era objeto de nenhuma atenção ou valorização pela sociedade, as mulheres compreenderam que isto não era relevante para elas. Ao contrário das tarefas maternas, elas optaram por outro caminho, já que neste ninguém demonstrava gratidão nenhuma.

Sendo assim, afirmamos que ao ponto que era natural que mulheres não tivessem vínculo afetivo com os filhos, formar famílias era um dos únicos objetivos em procriar. Se antes esse sentido era de formar famílias para os pais terem primogênitos para cuidar deles na velhice ou dar continuidade aos negócios da família, agora não é diferente, exceto pela obrigação do amor materno. É com a intenção de manter o *status quo* de dominação que a maternagem passa ser “valorizada”.

1.1.O Sentido do Parir e o Instinto

De acordo com o contexto exposto até aqui, compreendemos que a atenção às tarefas maternas precisava ser fortalecida para que a sociedade permanecesse constituída baseada nos valores

do patriarcado: homens trabalhando fora de casa e mulheres procriando no âmbito privado, permanecendo cada um no seu respectivo papel social.

De acordo com nossa compreensão, o sentido do parir, neste contexto, é aquele que vai ser observado por regras do patriarcado em que há o deslocamento da visão de trabalho para uma visão de instinto atrelado ao amor. “O materno é instinto”. Toda mulher deve parir e toda mulher deve amar seus filhos.

Afirmamos que esta noção de instinto materno é uma percepção que vem das normas patriarcais que antecedem o parir e que o feminismo questiona, pois, materno pela mãe biológica ou outra pessoa que a substitua, nos cuidados da criança, não é um trabalho doméstico, mas passa a ser um trabalho doméstico. Consequentemente, ao parir, é desempenhada à mulher outras atividades, além do materno, que passam a fazer parte da identidade das mulheres – mães.

E o parir, nesta perspectiva, leva a um sentido de instinto, atrelado ao amor materno automático, absorvido pela mulher de tal maneira que é “inconcebível” pensar que a condição de mãe não está relacionada ao instinto ou ao trabalho doméstico. Logo, vemos o trabalho do cuidar (proteção feminina no materno) enraizado pelo patriarcado como exclusivo feminino⁴ e a mulher que se recuse a esta imposição é duramente criticada pelas instituições sociais. Pois, existem inúmeras representações da maternagem ditadas, não por mulheres, mas que levam uma infinidade delas experimentarem a culpabilização por não cumprirem requisitos sobre-humanos que são exigidos desde a concepção de uma gestação até o final de seus dias. O amor materno é uma dessas exigências.

Assim, o materno se torna “o ser mãe”, nas regras patriarcais, criadas para a socialização feminina, definidas antes mesmo de mulheres optarem por esta escolha, o que de escolha não tem nada, se tornando imposição camuflada de instinto.

1.1.1.O Sentido do Materno Absorvido pelas Regras Patriarcais

No que diz respeito a socialização, mulheres desde sempre foram ensinadas como ser boas esposas e mães amorosas. Compreendemos que o papel da mulher é construído desde a Antiguidade até a contemporaneidade, por meio de visões institucionais importantes que definem a maternidade.

Segundo Badinter (1985), “é no último terço do século XVIII que se opera uma espécie de revolução das mentalidades. A imagem da mãe, de seu papel e de sua importância, modifica-se radicalmente, ainda que, na prática, os comportamentos tardassem a se alterar.” (BADINTER, 1985, p. 145). Assim, a partir de 1760 passa a ser recomendado às mães cuidar pessoalmente dos filhos e lhes exigem que os amamentem.

Tais recomendações impõem, à mulher, a obrigação de cuidar dos filhos e “engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho.” (BADINTER, 1985, p. 145). Dessa forma, compreendemos que é a partir do século XVIII se estendendo para o século XIX que o amor materno aparece como um conceito novo, não que nunca houvesse existido, mas que agora, como afirma a autora, há uma exaltação do amor da mãe.

⁴ Analisamos o materno de forma crítica sempre a partir das regras patriarcais. Por isso ressaltamos que é o patriarcado que coloca o materno como exclusivo feminino. Entendemos que, na perspectiva antropológica, maternagem nem sempre está associado à maternidade, do mesmo modo, não é (ou pode não ser) na sociedade, uma atividade exclusiva nem da mãe e nem das mulheres. No entanto, esta é uma reflexão que aprofundaremos em estudos posteriores.

Uma consequência disso está na consagração da mulher perfeita que como afirma, Davis (2016), “a mulher perfeita era retratada na imprensa, na nova literatura popular e até nos tribunais como a mãe perfeita. Seu lugar era em casa – nunca, é claro, na esfera política.” (DAVIS, 2016, p. 44). No entanto, é importante ressaltar que se trata da mulher burguesa e branca.

É necessário observar que o lugar da mulher negra, neste contexto, era a de pessoa escravizada, que para o sistema escravista não era menos que homem negro, como mão de obra lucrativa. Como afirma Davis (2016), “a julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias.” (DAVIS, 2016, p. 17). No entanto, eram elas as mães de leite dos bebês de mulheres nobres/brancas, referidas no início desta discussão. Pois “embora as mulheres negras desfrutassem de alguns duvidosos benefícios da ideologia da feminilidade” (DAVIS, 2016, p. 18) não raro conjecturava-se que eram trabalhadoras domésticas como cozinheiras, arrumadeiras ou cuidadoras de bebês, inclusive amamentando-os.

Isto significa dizer que mulheres negras raramente eram mães ou esposas, pois,

a realidade se opõe diametralmente ao mito. Tal qual a maioria dos escravos, a maior parte das escravas trabalhava na lavoura. [...] eram predominantemente trabalhadoras agrícolas. Por volta de meados do século XIX, sete em cada oito pessoas escravizadas, tanto mulheres como homens, trabalhavam na lavoura. (DAVIS, 2016, p. 18)

Dessa forma, a autora nos embasa para afirmar que, com relação à mulher negra o nível de opressão era igualado aos homens negros, exceto, “quando elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas” (DAVIS, 2016, p. 19). Ou seja, quando era lucrativo explorá-las como aos homens, eram vistas como desprovidas de gênero.

Essa reflexão, atrelada à questão racial, é necessária para entendermos que o parir, sob esta outra perspectiva, a da mãe negra, passou a ser “valorizado” também para promover a economia.

A capacidade reprodutiva das mulheres escravizadas era vista pelo sistema escravista como método para “ampliar e repor a população de escravas e escravos domésticos” (DAVIS, 2016, p. 19). Com isto, temos a compreensão de que “a exaltação ideológica da maternidade – tão popular no século XIX – não se estendia às escravas.” (DAVIS, 2016, p. 19). Nesta perspectiva, aos olhos das regras patriarcais e escravistas, elas não eram consideradas mães, mas, instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho. Por tanto, a exaltação do amor aqui era irrelevante.

Nesse sentido, as opressões eram distintas, mulheres brancas optavam por não maternas, as mulheres negras sequer tinham essa opção, pois, seus filhos – que nasciam na condição de pessoas escravizadas - não cresciam ao lado delas. No entanto, eram obrigadas a maternas para a casa grande.

As instituições que definiam como a mulher branca devia maternas eram as mesmas instituições que difundiam regras escravistas pautadas na mulher negra como mera reprodutora e mão de obra escrava. Mais tarde, o Estado vai utilizar essa relação de poder, perpetuando o histórico de escravidão para justificar a desigualdade racial entre as mulheres. Inclusive no que tange à maternidade.

De acordo com Davis (2016),

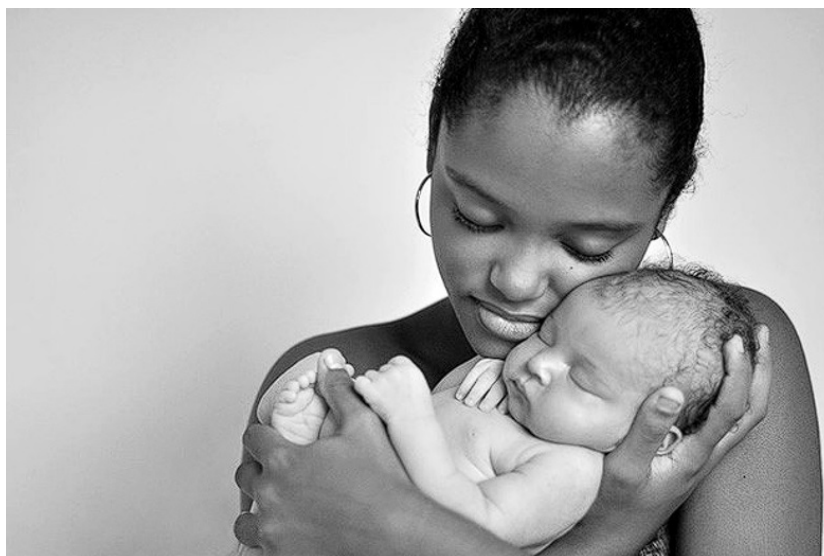
À medida que a ideologia da feminilidade – um subproduto da industrialização – se popularizou e se disseminou por meio das novas revistas femininas e dos romances, as mulheres brancas passaram a ser vistas como habitantes de uma esfera totalmente separada do mundo do trabalho produtivo. (DAVIS, 2016, p. 25)

Dessa maneira, com a industrialização, a divisão entre a economia doméstica e a economia pública, resultante do capitalismo industrial, instituiu fortemente a inferioridade das mulheres. A propagação era de um modelo de mulher que se tornou sinônimo de mãe, ligada aos cuidados; e esposa/dona de casa, relacionada ao amor à família “termos que carregavam a marca fatal da inferioridade” (DAVIS, 2016, p. 25). Embora este modelo não se fizesse presente entre as mulheres negras da época, pois, os condicionamentos econômicos da escravidão contestavam os papéis sexuais de poder absorvidos na nova ideologia, essa ideologia dominante foi instaurada principalmente, por meio da família, religião e escola, definindo o modelo de mulher-mãe até o século atual.

A partir disso, compreendemos atualmente a exaltação de amor como uma questão ideológica nas relações sociais que incluem gênero, raça e classe. Nesse caso, com o foco na mãe, deixando o pai isento. É nesse sentido que o amor materno passa a ter um valor que ao mesmo tempo que é natural, é social e favorável à sociedade. Afirmamos ainda de forma mais crítica que isso ocorre graças a um valor mercantil que se fortalece cada vez mais nas definições a respeito da maternagem.

Com base nessa discussão teórica, consideramos importante trazer para esta análise as imagens maternas que representam o modelo tradicional de mãe, de acordo com as regras absorvidas a partir do patriarcado.

Imagem 1: A mãe amorosa



Fonte: Carol Bedê⁵

⁵ Disponível em < <https://blogs.opovo.com.br>>. Acesso: 16/11/2022 às 16h12min..

Imagem 2: O dom divino



Fonte: Academia Marial.⁶

Imagem 3: O instinto materno



Fonte: Hypecess.com.br⁷

Observamos nestas imagens as representações do cuidado da mulher-mãe que abdica de seus outros marcadores/papéis sociais em prol de se doar para a família.

Nesse sentido, analisamos, na imagem 1, a mulher amorosa que é aquela que ama incondicionalmente seus filhos. Ao pesquisar no dicionário o significado da palavra *amorosa* obtivemos o seguinte resultado:

Amorosa

Significado de Amorosa

Adjetivo

Que sente e expressa amor; carinhosa, meiga: **mãe amorosa**.

⁶ Disponível em: <https://www.a12.com/academia/artigos/maria-mae-de-jesus>. Acesso: 16/11/2022 às 16h20min

⁷ Disponível em: <https://www.hypecess.com.br/>. Acesso: 16/11/2022 às 16h40min.

Relacionado com o amor por outra pessoa: vida amorosa.
Tendência natural para amar, para sentir amor ou ser carinhoso. (grifos da autora). (DICIO, 2022)

Este significado atrelado a mãe, no exemplo acima, está relacionado à representação da exaltação do amor que é associado a figura materna tradicional.

Na imagem 2 temos uma das maiores representações de mãe, difundidas pela igreja católica, que é a mulher imaculada, na figura de Maria. Este modelo de mãe é aquele em que a mulher após a maternidade abdica de sua liberdade e ambições. Obrigatoriamente para ser mãe precisa ser casada. Neste caso, Maria se abstém de seus próprios desejos, para dar prioridade ao Pai. Assim ela renuncia aos seus projetos de vida, em função de um plano maior, que vem de Deus. E é exclusivamente mãe e esposa.

A imagem 3 apresenta a mulher que naturalmente possui o instinto materno. Mulheres que amam seus bebês e se afeiçoam a eles de maneira automática após o nascimento. Compreendemos este modelo como o que estabelece que mulheres nascem com um “botão” que aciona ou que as induz a querer gerar crianças. Pois já nascem com este mecanismo materno, é o instinto.

Entendemos aqui que o maternar é ser mãe, nas regras sociais, (patriarcais) e que isto é ensinado a nós (mulheres e homens) na família, na igreja, e nas escolas, quando incorporam estes modelos maternos. Inferimos também, a partir da análise destas imagens, que estas representações estabelecidas institucionalmente pela sociedade, são responsáveis pela culpabilização de muitas mulheres por não serem mães. Ou, por serem mães e não atenderem estas regras.

2. Resultados e Discussões

Continuamos nossa discussão, nesta seção de análise, apresentando um estudo de caso, realizado por meio de entrevista com 10 mulheres⁸, que chamamos de parceiras da pesquisa.

O critério de escolha das entrevistadas, de maneira geral, se baseou em selecionar cinco mulheres mães e cinco mulheres não-mães da classe trabalhadora. Assim, analisamos a concepção de maternar a partir de mulheres que vivem a maternagem na prática diariamente (sendo mães biológicas) e, a compreensão de maternar a partir de mulheres que não vivem a atividade do maternar cotidianamente, mas possuem alguma vivência do maternar de outras mulheres e são socializadas para viver a maternagem (biológica ou não) um dia.

Nesse sentido, de maneira específica, o perfil das entrevistadas se constituiu de 04 mulheres mães casadas; 01 mãe solo; 05 mulheres não mães e solteiras; 06 mulheres negras e 04 brancas. A faixa etária dessas mulheres é de 22 à 50 anos de idade. Metade delas residem no espaço urbano e a outra metade no espaço rural do município de Cametá - PA. É importante ressaltar que o critério de escolha dessas mulheres teve, ainda, a intenção de possibilitar o máximo de abrangência à multiplicidade de perfis femininos, bem como, às respostas que obtivemos. Por fim, nomeamos ficticiamente cada uma delas, respectivamente, por: Ana; Bea; Carol; Dai; Eli; Fabi; Gio; Hila; Ilda, Jane.

A análise parte de dois questionamentos principais, a saber: 1) O que é maternar? 2) O que é ser mãe? Partindo das respostas, sob a ótica de mulheres diversas, trabalhadoras do campo e da cidade, obtivemos nossos resultados de pesquisa.

⁸ Por questões éticas utilizamos nomes fictícios para as parceiras da nossa pesquisa.

Consideramos, a partir da análise das falas de algumas parceiras da nossa pesquisa, como o Estado, por meio de aparelhamentos institucionais, transforma em regra, o modelo tradicional de mãe. A importância de conservar o *status quo* de dominação e manter mulheres fora dos espaços de trabalho e poder se faz na afirmação por elas mesmas de que maternar é tudo que se relaciona a ser mãe, não a trabalho.

O sentido do maternar para essas mulheres está ligado a ser mãe e tudo que se relaciona com a maternidade.

Maternar é um teste (*risos*), [...] aprender a se adaptar ao trabalho, a correria do dia a dia e maternar é se reinventar, entender que a nossa força e resistência são bens maiores que a gente pode ter. É ter o prazer de amamentar o nosso filho até ele cochilar até ele adormecer nos nossos braços. Mesmo cansada do dia a dia, mas a gente amamenta com tanto cuidado e zela pelos nossos filhos. (ANA, 2022)

Maternar para mim é tudo aquilo que completa o sentido de ser mãe, é o carinho, é o cuidado, é o zelo, é estar alerta a qualquer sombra de perigo ou risco que possa ameaçar a vida dos nossos filhos, é estar pronta pra combater qualquer tipo de mal que possa botar em risco a segurança e a vida deles. É dar a própria vida em troca da felicidade deles, é estar ali sempre pronta a servir, sempre disponível, ajudar a qualquer pedido, a qualquer pedido de socorro que eles precisarem. (BEA, 2022)

Maternar é viver intensamente com meus bebês depois de adultos. Eles já são pais, já são mãe, mas continuam sendo os meus bebês. (CAROL, 2022)

Maternar é tudo que está ligado a mãe e ao relacionamento com ela, desde o momento da concepção, é entender que ali há uma vida, mas ao mesmo tempo aparece medo, dúvidas, uma sensação de angústia, mas o que se sobressai é o amor. [...] Maternar é viver essa dúvida do amanhã, mas a certeza do amor intenso e entender que tudo passa, tudo se adapta. Maternar é amar intensamente. (DAI, 2022)

É ser mãe 24 horas. É ter uma responsabilidade imensa, é uma coisa que você nunca sonha em ter. Eu lembro de quando estava grávida, pessoas colocaram coisas na minha cabeça, mas a gente só sabe o que acontece no ato de ter o bebê e o convívio. Cuidar de uma pessoa que depende totalmente de mim. [...] A gente quer proteger, sente medo perder, de pegarem, quando a gente é mãe separada. (ELI, 2022)

O sentido do cuidado sendo reconhecido como exclusivo feminino, aqui, se pauta no próprio não reconhecimento, das parceiras da nossa pesquisa, do maternar como trabalho. Elas compreendem que é penoso ser mãe, mas não de maneira crítica para relacionar como essa situação contribui para desigualdade social de gênero. Por isso, há a justificativa que tudo vale a pena, pois ser mãe é se doar inteiramente ao cuidado dos filhos. “[...] é doação total de si sem pensar em perdas e ganhos. É se sentir feliz e completa com a felicidade ou sucesso de seus filhos” (BEA, 2022). Isto é resultado da maneira como nós somos socializadas, sendo impossível não absorver as representações patriarcais que são arremessadas sobre nós a todo tempo, de todas as formas, por todos os meios de comunicação, nas relações sociais.

E é este conjunto de normas femininas na maternidade que questionam as demais imagens de mulheres maternas. Ou seja, tudo o que fugir destas regras é fadado ao fracasso e a culpabilização. Afinal, se expressar sobre maternidade, expondo os sacrifícios como injusto, não está nos moldes do comportamento da mãe do modelo tradicional exigido.

A epistemologia feminista contribui, neste sentido, para entendermos como “o gênero influencia as concepções do conhecimento, na pessoa que conhece, e nas práticas de investigar, perguntar e justificar” (GRAF, 2012, p. 21). Dessa forma, foi possível identificar as concepções dominantes, de opressão, que põem sistematicamente em desvantagem as mulheres no âmbito do trabalho, porque as excluem das discussões e investigações. Assim, contribuimos para este campo do conhecimento analisando como o maternar é um trabalho não instintivo, mas de cuidado que leva a tripla jornada de trabalho. Na divisão sexual do trabalho os homens não estão incluídos nesta dimensão do cuidar, do maternar a partir das regras patriarcais.

Contra essa lógica, demonstramos que pelo fato de parir, não significa que a mulher é obrigada a maternar também. Mas que isto acaba sendo imposto, baseado num conjunto de normas patriarcais construídas ao longo da história.

2.1 Por que as Mulheres Não Reconhecem o Maternar como Trabalho?

De acordo com Bruschini (2006), a partir de levantamentos censitários feitos em 1980, contribuições relevantes das reflexões teóricas e metodológicas a respeito do trabalho feminino foram levantadas. Segundo a autora, “nesses levantamentos censitários, a categoria *inativa* abriga indivíduos que não trabalham, seja porque vivem de renda, seja porque são aposentados, pensionistas, doentes ou inválidos, estudantes e os/as que realizam afazeres domésticos.” (BRUSCHINI, 2006, p. 333). Ou seja, percebemos que apesar da sobrecarga de atividades que abrangem o que aqui se denomina “afazeres domésticos” (cozinhar, lavar, passar, cuidar de idosos, cuidar de crianças, entre outros) que inclui o maternar e que mantém ocupadas mulheres de todas as classes sociais, este trabalho não é contabilizado como atividade econômica nesse tipo de levantamento, logo podemos concluir que é “improdutivo”, de acordo com a teoria fundante de Marx, por exemplo.

Além disso, graças a maior propagação social da função reprodutiva das mulheres,

os incontáveis afazeres que, juntos, são conhecidos como ‘tarefas domésticas’ – cozinhar, lavar a louça, lavar a roupa, arrumar a cama, varrer o chão, ir às compras, etc. -, ao que tudo indica, consomem, em média, de 3 mil a 4 mil horas do ano de uma dona de casa”. (DAVIS, 2016, p. 225)

Concordamos com a autora, quando observamos que, por mais grave que seja esta estatística, ela não inclui a atividade do maternar, que a nível de quantificação, consideramos impossível calcular o tempo que as mães dedicam aos seus filhos. Do mesmo modo, é problemático ainda pensar a atividade do maternar como apenas mais uma ocupação feminina. Assim, “as obrigações maternas de uma mulher passam a ser aceitas como natural, [...] as tarefas domésticas são, afinal de contas, praticamente invisíveis” (DAVIS, 2016, p. 225). A menos que cumpram outras atividades assalariadas (profissionais), pois consomem maior parte do seu tempo, as mulheres são consideradas trabalhadoras.

No entanto, segundo Biroli (2016), por mais que se dediquem a dupla ou tripla jornada de trabalho “as mulheres continuam a dedicar mais tempo às tarefas domésticas e a ter rendimentos

médios menores do que os homens pelo trabalho desempenhado fora de casa” (BIROLI, 2016, p. 720). A dupla ou tripla jornada ocasiona muitas vezes na sobrecarga física e mental que adocece indivíduos que, passam a cobrar de si mesmas, de forma violenta, o alcance do modelo tradicional da mãe -do comercial da tv – que sorri feliz, enquanto realiza inúmeras tarefas domésticas ao mesmo tempo.

Ora, ser mulher-mãe, dona de casa e trabalhadora assalariada pode ser considerado, aos moldes das regras patriarcais, a definição de mulher empoderada que o feminismo liberal propaga, pois, ao mesmo tempo em que esta mulher cuida dos filhos e do marido ela também produz mais valia para o mercado, o que a torna a mulher perfeita sob a ótica do sistema capitalista.

Assim, defendemos o maternar, na categoria trabalho, como atividade inventiva, criativa e experiencial, que é ação feminina e, portanto, trabalho real, e que precisa ser reconhecido por nós mesmas e por todos, nas relações sociais.

2.1.1 Maternar: trabalho produtivo ou trabalho improdutivo?

Contra a coerência do capitalismo afirmamos que, ao discutirmos sobre o que é e o que não é trabalho - sob a lógica de mercado, ao apontarmos que a atividade doméstica não remunerada é trabalho, ao problematizarmos que a atividade do cuidar é trabalho e que a maternidade é trabalho, denunciemos a exploração feminina dentro do sistema capitalista-patriarcal.

No entanto, ao buscarmos por debates sobre o maternar como trabalho, percebemos que não existem tantas discussões a respeito, pois, o que obtivemos foram pesquisas sobre maternidade e trabalho e, não, maternidade como trabalho. Tratam-se de estudos sobre maternar (em casa) e trabalhar - trabalho remunerado (fora de casa).

Dessa forma, segundo Bruschini (2006), pesquisas sobre o trabalho da mulher se tornaram clássicas no final da década de 60 e início da de 70, com pesquisadoras como Saffioti (1969) que abordaram essa questão, rapidamente tornando-se leitura obrigatória nas universidades.

Posteriormente, a produção de conhecimento sobre o tema se expandiu com a emergência do feminismo como movimento social e a crítica feminista criando condições propícias para pensar a legitimação da condição feminina como objeto de estudo. Assim, “dentro dos estudos feministas e da ciência se abordam distintos aspectos sobre a história e a incorporação e participação das mulheres, de sua situação atual, assim como os efeitos que sua ausência ou presença tem tido na ciência e na tecnologia” (GRAF, 2012, p. 21).

Considerando essa reflexão, trazemos a noção de trabalho produtivo e improdutivo, fundamentados por Marx, e aferimos que, nas relações de produção, se perpetua historicamente mulheres como responsáveis prioritárias do lar e da família.

Portanto, “essa determinação do trabalho produtivo, tal como ela resulta do ponto de vista do processo simples de trabalho, não é de modo nenhum suficiente para ser aplicada ao processo capitalista de produção” (MARX, 1867, p. 382). Sendo a base material da opressão das mulheres sob o capitalismo, uma vez que, o trabalho do cuidar não é interessante para gerar lucro, logo é improdutivo do ponto de vista da produção, assim como afirma Marx (1867),

A produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, mas essencialmente produção de mais-valor. O trabalhador produz não para si, mas para

o capital. Não basta, por isso, que ele produza em geral. Ele tem de produzir mais-valor. Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valor para o capitalista ou serve à autovalorização do capital. (MARX, 1867, p. 382)

Dessa maneira, de acordo com o exposto por Marx (1867), o conceito de trabalhador produtivo se relaciona historicamente colocando o trabalhador como meio direto de valorização do capital. “A economia política clássica sempre fez da produção de mais-valor a característica decisiva do trabalhador produtivo. Alterando-se sua concepção da natureza do mais-valor, altera-se, por conseguinte, sua definição de trabalhador produtivo (MARX, 1867, p. 383). Esta teoria fundante de Marx aborda, tudo o que inclui o materno, como trabalho improdutivo. Ou seja, como reprodução e, não, produção.

Isso nos faz pensar como esta discussão é importante para fazermos a crítica a essa reflexão. Se o trabalho produtivo é o trabalho que produz a mais-valia e as mulheres são responsáveis pela reprodução social e, - isto inclui reproduzir o próprio produtor da mais valia -, podemos dizer que nosso trabalho não é improdutivo. No entanto, isto não é levado em consideração nas teorias de Marx.

Nesse caso, as críticas feministas à esta epistemologia tradicional das ciências sociais mostram que essas teorias do conhecimento são baseadas numa visão de mundo masculina, “então, que é ensinado observar apenas características dos seres sociais que interessam aos homens com uma perspectiva androcêntrica e distante.” (GRAF, 2012, 23). O julgamento aqui se faz necessário para pensarmos na necessidade de não deixarmos perder de vista as condições humanas dos indivíduos, neste caso, das indivíduos na sociedade patriarcal.

Inferimos com esta análise que, as mulheres, principalmente, vivem situações práticas no cotidiano que incorporam as regras patriarcais e que as levam a absorver que o cuidado leva ao trabalho e as relações de trabalho colocam as atividades domésticas como condição do materno.

Em outras palavras, o trabalho doméstico do cuidar, se incorpora no materno (que já é trabalho em si). É isto que precisa ser levado em consideração nesta análise, pois defendemos que o parir não nos leva a sermos também lavadeiras, cozinheiras, passadeiras, cuidadoras de idosos, entre outras funções domésticas. Deixemos então, de tratá-los como reprodução e passemos a tratá-los como produção.

3. Instinto Materno? Não. Trabalho Feminino

Iniciamos esta seção com uma indagação e em seguida uma afirmação, pois, como já vimos anteriormente, compreendemos que o materno se trata de uma injustiça social, colocada como instintivo na sociedade, em que a divisão sexual do trabalho contribui para a definição do que é função feminina e o que é função masculina. O que é trabalho (produtivo) e o que não é trabalho (improdutivo) se baseia na acumulação capitalista, no sistema binário eurocêntrico e nas epistemologias das ciências biológicas e sociais masculinas (GRAF, 2012) que permeia a sociedade historicamente em detrimento feminino.

As diversas correntes do pensamento feminista afirmam a existência da subordinação feminina, mas questionam o suposto caráter natural dessa subordinação. Elas sustentam, ao contrário, que essa subordinação é decorrente das

maneiras como a mulher é construída socialmente. Isto é fundamental, pois a ideia subjacente é a de que o que é construído pode ser modificado. Portanto, alterando as maneiras como as mulheres são percebidas seria possível mudar o espaço social por elas ocupado. (PISCITELI, 2001, p. 03)

Levando em consideração que tudo o que é construído socialmente pode ser modificado, a autora reforça a importância da legitimação do maternar como atividade laboral. Assim, quando o Estado o mascara como instintivo e natural feminino, dificulta o acesso e permanência de mulheres nas diferentes esferas sociais, pois as aprisionam na biologia do seu sexo.

O que queremos dizer é que, quando o maternar é desviado do sentido de trabalho e colocado com sentido de instinto e natural, a ideia do cuidado o leva às relações de trabalho doméstico, passando a fazer parte desse conjunto de tarefas diversas. E nessas concepções não se valoriza o cuidar do outro se não estiver ligado a esfera da produção. E o papel da mulher nesta perspectiva de dominação está no processo reprodutivo, uma vez que

são os únicos seres humanos capazes de engravidar e amamentar e dado que os bebês humanos têm um período extraordinariamente prolongado de dependência física -- as torna prisioneiras da biologia, forçando-as a depender dos homens. (PISCITELI, 2001, p. 03)

Essa configuração de papéis sexuais, citados pela autora, corresponde a uma dominação que estabelece ao homem o trabalho remunerado, enquanto à mulher destinou-se as tarefas referentes a reprodução da força de trabalho, porém sem remuneração. O sistema capitalista então apropriou-se dessa ríspida divisão sexual do trabalho transformando-a em uma divisão “natural”, favorável a biologia de cada sexo.

Biroli (2016), reforça essa ideia quando afirma que

Como parte desse processo, são ativados filtros que incidem sobre as mulheres no acesso a ocupações e no acesso ao âmbito da política institucional, constituindo padrões sistemáticos de exclusão e de marginalização. Elas constituem, assim, um grupo onerado pelo cotidiano de trabalho não remunerado, direcionado a ocupações específicas, relativamente menos remunerado no trabalho e sub-representado na política. (BIROLI, 2016, p. 721)

Ressalto que, apesar da opressão que existe por trás da maternidade, e como as instituições sociais nos fizeram oprimidas, por meio das regras patriarcais que moldam a imagem de mãe tradicional, absorvidos por nós há séculos, ela não deixa de ser uma atividade de trabalho, histórica e culturalmente vivenciada por mulheres. E isto inclui sua amplitude e todas as complexidades que a envolve. No entanto, sejamos críticas e pensemos nisto como uma estratégia do Estado para nos manter fora dos espaços de poder.

Em suma, por existir em nossa sociedade “uma cultura enraizada no discurso androcêntrico que historicamente foi construído como científico e universal” (BARRAGÁN *et al.*, 2011, p. 90), a consequência disto é uma super sobrecarga de trabalho que se ancora na “superexploração das mulheres, que, embora em tempos recentes participem de forma crescente no trabalho assalariado, continuam sendo responsabilizadas pelo trabalho doméstico” (BARRAGÁN *et al.*, 2011, p. 108).

Incluído no discurso androcêntrico, há a existência de uma ideologia maternalista em que “as mulheres cuidariam mais das crianças porque possuiriam tendências naturais para tal cuidado e não porque os homens são socialmente liberados dessa função” (BIROLI, 2016, p. 738). Tal discurso tem sido usado para justificar a sobrecarga de trabalho feminino.

E neste combo de afazeres, atribuídos às mulheres, a deslegitimação do maternar pela sociedade patriarcal, o não reconhecimento – pelas mulheres – como mais um trabalho nas relações de trabalho, reforçam o que “está presente nas justificativas que romantizam os papéis, como no caso da ideologia maternalista” (BIROLI, 2016, p. 738) e contribuem para esta subordinação, deixando-as de fora dos espaços dominantes.

Com isso, o feminismo estabelece críticas a divisão sexual do trabalho, por meio de uma economia feminista que propõe a equidade para uma iniquidade existente, baseada na economia do cuidado. Dessa maneira, Barragán *et al.* (2011), afirmam que

A economia do cuidado identifica a necessidade do cuidado de meninos e meninas, pessoas doentes, com capacidades diferentes ou idosas, como uma das necessidades humanas mais importantes para viver uma vida em plenitude, relacionada com a dignidade, que, no entanto, foi completamente ignorada pelo discurso político e pelo reducionismo economicista do desenvolvimento. (BARRAGÁN *et al.*, 2011, p. 109 -110)

As autoras ressaltam que isto seria possível através de uma redistribuição do trabalho de cuidado (trabalho doméstico) que é direcionado exclusivamente a mulheres, esta ideia se constituiria de forma coletiva, pensando estratégias que fomentem as ações comunitárias.

Deste modo, as mulheres conseguiriam ter o tempo do ócio – que é privilégio masculino – para facilitar sua participação nas outras esferas de trabalho, como na política, por exemplo. Isso causaria um impacto nessa iniquidade de gênero com consequências no processo de produção e reprodução do processo de mercantilização, geradoras de desigualdade econômicas nacionais e globais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do debate exposto, compreendemos que o maternar enquanto trabalho não é reconhecido pelas regras patriarcais, mas enraizado como instinto natural, visto que são as mães que parem os bebês, isentando socialmente os pais da função do cuidado no maternar.

Quando se trata da divisão sexual do trabalho, essa atividade tão importante, - assim como as demais atividades do âmbito privado como o serviço doméstico – evidencia a injusta distribuição do trabalho entre os sexos. Assim, baseada nas hipóteses levantadas nesta análise concluiu-se que essa definição social do que é maternar sob a ótica da mercadoria, expressa que este sistema se relaciona diretamente com a permanência da iniquidade de gênero, uma vez que a força de trabalho que não é vendida não gera lucros e por isso não é interessante para ser valorizado.

E, portanto, é necessário aprofundar debates sobre a legitimação maternar como atividade de trabalho, não exclusiva de mulheres, para que isto possa facilitar o ingresso e permanência delas em diferentes esferas sociais sem a sobrecarga física e mental que exige a realidade posta. Que isto não favoreça apenas aos homens viverem o ócio, mas que mulheres também possam usufruir deste tempo para sua participação ainda maior nos espaços públicos e políticos.

Porém a não valorização desta atividade de trabalho vital e a não redistribuição democrática na divisão sexual do trabalho – levando em consideração raça, classe e gênero - contribui para a desigualdade de gênero inserida na sociedade que colabora para a sobrecarga de trabalho feminino e exime mulheres de exercerem outras funções sociais fora do âmbito privado.

Concluimos com a intenção de lançar luz sobre a desmistificação do maternar como instinto, mas sim, como trabalho vital e, contribuir para a legitimação desse trabalho uma possível equidade de gênero para uma iniquidade existente.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARRAGÁN, Margarita Aguinaga., LANG, Miriam., CHÁVEZ., Dunia Makrani., SANTILLANA., Alejandra. Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento, 2011. In: *Descolonizar o imaginário: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento*/Gerhard Dilger, Mirian Lang, Jorge Pereira Filho [Orgs.]. – São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.
- BIROLI, Flávia. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 59, no 3, 2016.
- BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? *R. bras. Est. Pop.*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331-353, jul./dez. 2006.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.
- DICIO, *Dicionário online de português*. 2022. Disponível em <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 30/10/2022 às 23h45min.
- GRAF, Norma Blazquez. Epistemología feminista: temas centrales. In: *Investigación feminista: epistemología, metodología y representaciones sociales* / Norma Blazquez Graf, Fátima Flores Palacios, Maribel Ríos Everardo, coordinadoras– México: UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades: Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias: Facultad de Psicología, 2012.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. 1867 Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap14/01.htm>. Acesso em 15 de 09 de 2022.
- MINAYO, Maria Cecília. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- PISCITELI, Adriana. *RE-CRIANDO A (CATEGORIA) MULHER?* Campinas, 2001.
- SAFFIOTI, H. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes, 1969.

ANEXOS

Anexo A – Transcrição de áudio de entrevista sobre maternidade

PARCEIRA - 1/Ana

O que é maternar?

Pra mim maternar é um teste (*risos*), um teste de resistência por quanto tempo nosso corpo aguenta funcionando, sem se alimentar direito, sem dormir direito, se alimentar inadequadamente, sendo abastecido apenas por café. Aprender a se adaptar ao trabalho, a correria do dia a dia e maternar é se reinventar, entender que a nossa força e resistência são bens maiores que a gente pode ter. É dormir mal dormido, é ter o prazer de amamentar o nosso filho até ele cochilar até ele adormecer nos nossos braços. Mesmo cansada do dia a dia, mas a gente amamenta com tanto cuidado e zela pelos nossos filhos. Então maternar é um ato se se reinventar. É uma vivência de aprendizado também, sorrir mesmo cansada, mesmo muitas vezes doente, mas é sorrir para as nossas crianças, nossos filhos e ver o sorriso tão fofo deles.

O que é ser mãe?

Ser mãe é dar a luz a um filho, é criar um filho, criar uma pessoa com carinho, com amor. Proteger, dar educação. Mas acredito que ser mãe vai muito além do que isso, ser mãe é você amar e ser amada. É descobrir a cada dia a felicidade de viver. É um trajeto muito difícil ser mãe, mas é muito prazeroso, é gostoso de viver, traz muita felicidade, traz muita emoção pra vida da gente. Ser mãe é a cada dia uma nova descoberta, nos amadurece, nos dá alicerce para que a gente possa ter sustento. Às vezes a gente acredita que é incapaz de criar um filho, mas ele nos dá a possibilidade de conduzi-lo, porque cada dia a gente aprende cada vez mais a conduzi-lo. Então ser mãe é ser feliz.

PARCEIRA – 2 / Bea

O que é maternar?

Maternar para mim é tudo aquilo que completa o sentido de ser mãe, é o carinho, é o cuidado, é o zelo, é estar alerta a qualquer sombra de perigo ou risco que possa ameaçar a vida dos nossos filhos, é estar pronta pra combater qualquer tipo de mal que possa botar em risco a segurança e a vida deles. É dar a própria vida em troca da felicidade deles, é estar ali sempre pronta a servir, sempre disponível, ajudar a qualquer pedido, a qualquer pedido de socorro que eles precisarem.

O que é ser mãe?

Ser mãe é um dom divino de deus porque os filhos são a razão da vida gente, é muito mais além do que dar à luz e ter filhos, é ter por quem dar a vida sem pedir ou exigir nada em troca, é doação total de si sem pensar em perdas e ganhos. é se sentir feliz e completa com a felicidade ou sucesso de seus filhos.

PARCEIRA - 03 / Carol

O que é maternar?

Maternar para mim é aquela mãe que não vê seu filho grande, é aquele adulto que é criança. É aquela preocupação que a mãe tem, que eu tenho com meus filhos maternar é não sair do seio da mãe. É dizerem assim “ele já é adulto, sabe o que faz”. Mas pra mim, não, meus filhos sempre vão ser aquelas crianças adoradas. Eu sou aquela mãe que cobre o filho com o lençol quando ele tá

dormindo. Eu fico observando. É aquela preocupação de mãe em saber se o filho já jantou, fazer comida. Maternar é viver intensamente com meus bebês depois de adultos. Eles já são pais, já são mãe, mas continuam sendo os meus bebês.

O que é ser mãe?

Ser mãe é a melhor lição de vida que Deus me proporcionou, é amar intensamente, é viver com medo de perder, é viver para os filhos. Aquela coisa gostosa e viver também o sofrimento dos nossos próprios filhos. Esse é o meu amor de mãe pelos meus filhos, é me sacrificar por eles, é cuidar deles, hoje meus filhos estão todos grandes, mas eu espero sempre eles na nossa casa para aquele momento de todo mundo junto, de almoçar junto, eu preparar aquela comida gostosa como eles gostam da minha comida. É o melhor amor que uma mulher pode ter na vida. Deus é deus, tudo o que ele faz é perfeito. É a melhor lição de vida que ele me deu. Eu amo meus 4 filhos, amo meus netos. E é isso, é viver intensamente e amar intensamente, mãe é aquela que se doa, é aquela que vive para os seus filhos.

PARCEIRA- 4 /Dai

O que é maternar?

Maternar é tudo que está ligado a mãe e ao relacionamento com ela, desde o momento da concepção, é entender que ali há uma vida, mas ao mesmo tempo aparece medo, dúvidas, uma sensação de angústia, mas o que se sobressai é o amor. Estar gerando uma criança. Maternar também é viver numa rede de apoio familiar, recebendo afeto, carinho, conselho. Maternar também é abraçar intensamente, é ensinar, dar risadas e chamar atenção quando for preciso. Maternar é viver intensamente a maternidade, aproveitando o máximo. Esse amor caloroso, essa troca de olhar, essa benção que é ver crescer o nosso filho e poder abraçar e poder beijar e poder dizer é meu: “esse saiu daqui de dentro de mim” (*emotiva*). Maternar é viver essa dúvida do amanhã, mas a certeza do amor intenso e entender que tudo passa, tudo se adapta. Maternar é amar intensamente.

O que é ser mãe?

Ah, ser mãe... vem tanta coisa na cabeça da gente, né? Mas a começar pelo dom divino. Ser mãe é um dom divino, ser mãe é sentir um amor incondicional, um amor sem limites, sem barreiras, um amor que nos ensina a amar a cada dia de uma forma única, que nos ensina também a perdoar, a compreender os nossos filhos pelas suas limitações, ter tolerância, saber escutar que muitas vezes as mães só querem falar, mas também saber escutar seus filhos, é também ser guerreira também. Ser mãe é um desafio muito grande desde a concepção, é um desafio, são várias descobertas. E viver também pensando em melhorias no bem estar dos seus filhos. Ela amanhece e anoitece pensando numa melhor forma de educar, uma melhor forma de alimentar e viver esse momento e cada momento viver de uma forma única e especial, porque os filhos é o melhor que nos temos. Então ser mãe é até deixar de viver um pouco de si e viver em função dos filhos, é até um pouco egoísta né? mas na verdade é isso que acontece. Ser mãe é também uma luz que ilumina o caminho dos filhos, fazendo de tudo que nada aconteça de mal, mas se acontecer é cercar de todas as formas. Mas também é fazê-los crescerem diante dos desafios que a vida propõe. É deixá-los caminharem com suas próprias pernas sendo que estamos no lado, protegendo, cuidando, guiando, mas chega um tempo que a gente precisa deixar que eles caminhem pelas próprias pernas. Isto é ser mãe.

PARCEIRA- 5 /Eli

O que é maternar?

É ser mãe 24 horas. É ter uma responsabilidade imensa, é uma coisa que você nunca sonha em ter. Eu lembro de quando estava grávida, pessoas colocaram coisas na minha cabeça, mas a gente só sabe o que acontece no ato de ter o bebê e o convívio. Cuidar de uma pessoa que depende totalmente de mim. É uma “coisinha” (*bebê*) que depende de você por um longo tempo e você se apega a essa “pessoinha”. Defende com unhas e dentes. E aquilo que eu pensei antes da gestação se torna um sentimento multiplicado. Antes eu poderia estar com medo, sem saber o que iria acontecer, mas depois que acontece e a gente o tem nos braços é uma coisa totalmente diferente. A gente quer proteger, sente medo perder, de pegarem, quando a gente é mãe separada.

O que é ser mãe?

Ser mãe é responsabilidade, com certeza. É estar ali a todo momento. Eu acredito que o maior medo da mãe é quando o filho adoce. É uma coisa muito ruim por que a gente quer tirar da criança aquilo que tá incomodando-a e colocar na gente. Porque a gente compra muitos remédios e não faz efeito, então a gente se desespera. É uma multiplicidade de sentimentos. [...] é um aperto, uma dor que só quem é mãe sabe. E ser mãe é estar ali 24 horas, querer o bem.

PARCEIRA - 6 / Fabi

O que é maternar?

Acho que é algo referente a maternidade. O trabalho que a mãe desempenha com o bebê, aquelas tarefas infundáveis (*com ênfase*) do dia a dia. Penso que seja por aí.

O que é ser mãe?

Ser mãe, no meu caso, seria a realização de um sonho, mas eu sei que nem pra todo mundo é isso. Doação, ter uma vida – ainda que quando bebê – dependente de você. Ser mãe acho que é a maior representação de amor que você pode sentir por alguém, eu acho. E também ser mãe é ter uma grande responsabilidade por alguém que é completamente dependente de você. Ser mãe é não ter mais tranquilidade (*risos*) pra fazer algo que você fazia antes do bebê. Eu acho que a partir do momento que você tem um bebê a liberdade se torna um tanto limitada. Então ser mãe, eu acho que é limitar a liberdade.

PARCEIRA - 7/ Gio

O que é maternar?

Na minha concepção, maternar é uma coisa divina. Mas tem seu lado não negativo, mas dificultoso. A maternidade há muito tempo ela vem sendo romantizada e só que é mãe ou já conviveu com mães, principalmente mãe solo, vê a dificuldade que ela tem. Não só quando o ser nasce, mas desde que ela descobre que está grávida. O Sistema dificulta, no período da gravidez, principalmente se for tudo pelo SUS. A gente vê a dificuldade, a carência. E quando nasce a criança dificulta ainda mais, pois além dela cuidar da saúde dela, ela vai ter que cuidar da saúde, vida, educação da criança. Então na minha visão a maternidade devia deixar de ser tão romantizada e começar a ser vista como realmente é, que não é só arrumar um bebê, tem haver não só com afeto, mas com a dificuldade e infra estrutura pra cuidar da criança.

O que é ser mãe?

Só o nome, mãe, já desperta em qualquer pessoa um sentimento de uma coisa autêntica, uma coisa de amor, uma coisa sensível, não sensível no sentido de “diminutivo”, mas no sentido de acolhimento. Mãe é um sentimento incomparável com qualquer outra relação ou outro sentimento, certo? Mas com isso, como eu sempre falo, é muito romantizado as dificuldades que as mães passam, principalmente mãe solo, mãe pobre, mãe negra. Elas nem sempre são acolhidas, mas estão sempre prontas pra acolher. Então mãe é um ser afetivo.

PARCEIRA - 08/ Hila**O que é maternar?**

Pra mim, maternar é mãe ligado aos filhos e os filhos ligados às mães. É tudo o que uma mãe se submete a fazer por um filho. Levar para passear, brincar, cuidar. Pra mim é isso.

O que é ser mãe?

Mãe, pelo o que eu entendo, é desde que o óvulo é fecundado que gera o feto. Que dá a luz. Trazer as crianças ao mundo, é mãe.

PARCEIRA - 09 /Ilda**O que é maternar?**

Maternar é como eu e o meu filho, a gente nunca se separou. Ele tem 7anos, a gente brinca. Quando tem que brigar eu brigo, ele chama minha atenção. Tem os momentos de brincadeira e os momentos sérios. A gente tem que estar sempre presente com nossos filhos.

O que é ser mãe?

Para mim, é amar o filho, sabendo que neste mundo ninguém vai amar ele mais que ela (mãe). Ser mãe é um amor que só a gente sabe. Porque cada mãe, pra nós que somos mães de verdade, a única coisa que é igual é o amor. Mas na forma de agir, cada uma age de uma maneira sabendo o que é melhor para o seu filho. Existe várias formas de ser mãe, mas se eu for falar, é muita coisa.

PARCEIRA - 10 / Jane**O que é maternar?**

Tem a ver com ser mãe? (*pausa*) Acho que é ser mãe, ter um filho. Criar uma criança... Não é isso? (*risos*)

O que é ser mãe?

Ser mãe é ser um amor maior para seus filhos, é sentir as dores deles. Quando minha filha fica doente nada presta pra mim, eu só quero cuidar dela, só quero que ela melhore logo. Então ser mãe é dar conta de criar um filho não deixando faltar nada pra ele. Acho que é isso.